

XXX Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte

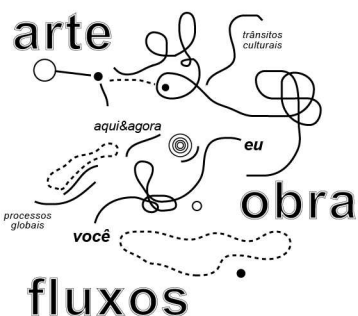
MONTAGEM E USOS DO ESPAÇO NAS EXPOSIÇÕES GERAIS DE BELAS ARTES, 1894-1930

Arthur Valle

UFRRJ

Em 1924, o promotor cultural e *marchand* de origem bávara Theodor Heuberger, então recém-chegado ao Brasil, visitou a XXXI Exposição Geral de Belas Artes, no antigo prédio da Escola Nacional de Belas Artes, à Av. Rio Branco, centro do Rio de Janeiro. Quase seis décadas depois, em entrevista dada a pesquisadora Maria Cristina Burlamaqui, Heuberger relembriaria nos seguintes termos o seu ‘choque’ diante do aspecto daquela mostra: “Eu quase desmaiei quando vi a exposição do Salão de 1924, na Escola de Belas Artes, com quadros em quatro filas... por isso eu organizei uma exposição em uma linha só! Foi uma beleza! Eles disseram: ‘Que coisa, a gente pode respirar, a gente pode ver um quadro diferente do outro, em vez de um quadro matar o outro!’”.

A declaração de Heuberger descreve bem como a disposição de obras de arte em um determinado espaço expositivo determina decisivamente a fruição do espectador. Mas, creio, ela trai igualmente o tom de superioridade de alguém que, afinado com as tendências artísticas em voga na Europa do início do século XX, era capaz de perceber o suposto ‘atraso’ das práticas expositivas brasileiras e intervir na sua remodelação. A concepção de montagem de Heuberger parece afinada com aquela ideologia do espaço da arte que, segundo autores como Brian O’Doherty, caracteriza a galeria moderna: a declaração



XXX Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte

acima transcrita seria, nesse sentido, mais uma componente da conhecida narrativa construída a partir da ótica dos modernistas, que conta como estes últimos teriam revolucionado a trajetória das artes no Brasil.

Todavia, uma análise das transformações pelas quais passaram as estratégias de ocupação do espaço nas Exposições Gerais durante a 1ª República deixa transparecer uma realidade mais nuançada. Através do estudo da recepção dos 'Salões', é possível perceber, ao lado da sobrevivência de práticas expositivas herdadas do passado, que o aspecto eventualmente sobrecarregado das Exposições não aparecia necessariamente como natural ou desejável aos olhos dos contemporâneos. Com efeito, desde finais do século XIX, foram frequentes as reivindicações por um espaço expositivo mais despojado, que foi de fato aquele de certas edições do evento.

Na presente comunicação, eu pretendo discutir as razões por trás dos câmbios verificáveis na montagem das Exposições Gerais, enfatizando a sua ambientação geral e a disposição interna das obras, bem como a maneira como estes fatores preparavam a experiência – social e fenomenológica – dos visitantes.

Exposições gerais de Belas Artes, história da montagem de exposições, usos do espaço na arte